



jornal da tarde

O SEU CADERNO DE PROGRAMAS E LEITURAS

Contribuição ao estudo da História do Brasil contemporâneo. Capítulo inédito.

GUERRA DE GUERRILHAS

(No Pará e em Goiás, de 1967 a 1975. E o Brasil não ficou sabendo.)

REPORTAGEM DE FERNANDO PORTELA



A foto à direita, de um grupo da FAB em ação durante os combates no Araguaia, é exclusiva. Está em um relatório secreto do Exército.

DOCUMENTO

O texto que segue é resultado de uma montagem, uma colagem de dezenas de depoimentos sobre uma guerra de guerrilhas ocorrida no Brasil, na região do rio Araguaia, Sul do Estado do Pará e Norte do Estado de Goiás.

Naquela região, o processo da guerrilha foi iniciado em 1967 e eliminado em janeiro de 1975, com a derrota total dos guerrilheiros comunistas.

Por força da censura aos meios de comunicação, na época, esses acontecimentos não puderam vir a público, a não ser de forma esparsa, incompleta e imprecisa, com uma única exceção: a reportagem publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, em setembro de 1972, que escapou milagrosamente do lápis vermelho do regime Médici.

Para reconstituir a guerrilha até o limite do possível, viajei durante mais de dois meses por várias capitais brasileiras; estive no interior de alguns Estados, principalmente na região do baixo Araguaia, onde foi colhida a maior parte dos depoimentos.

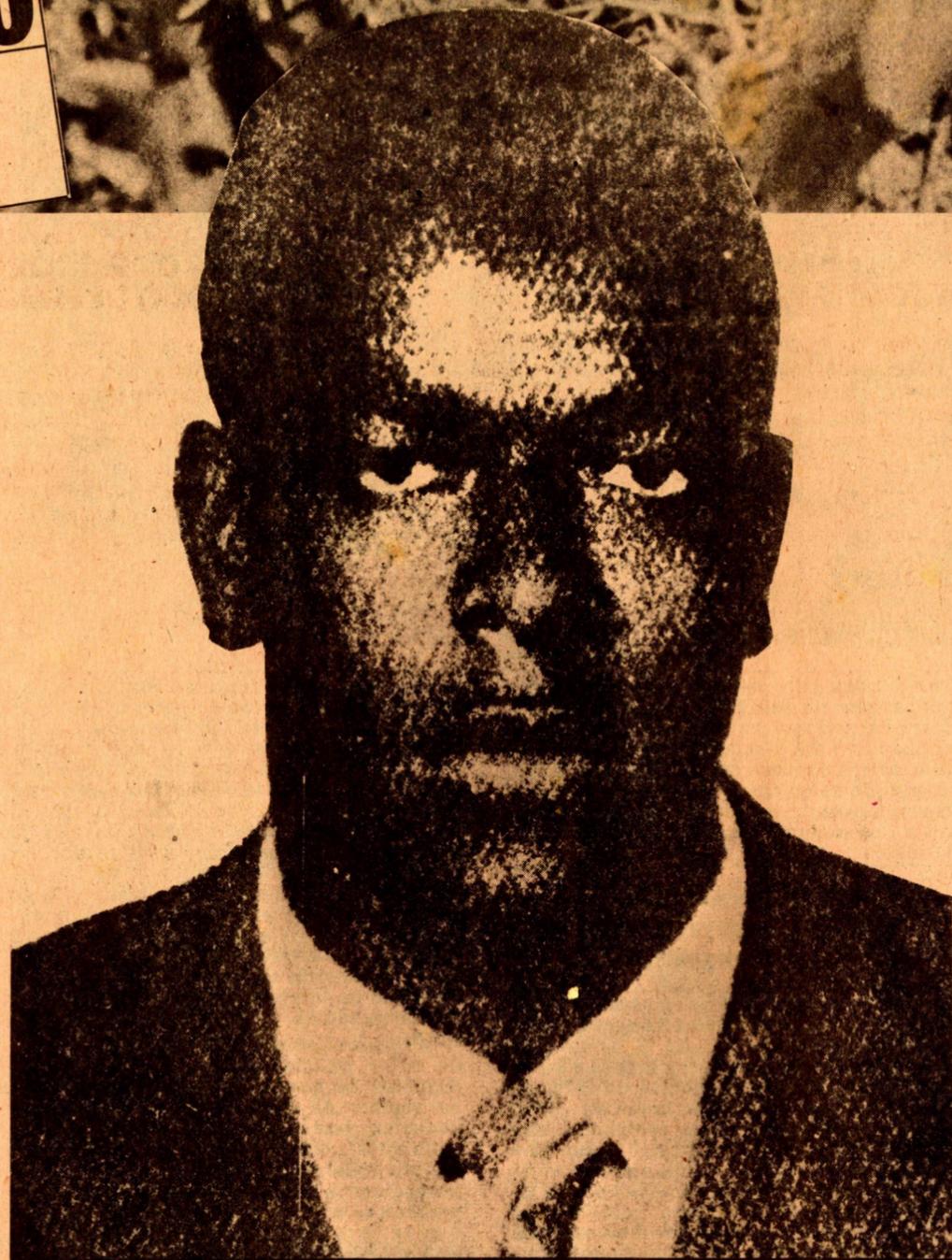
Aproveitei pouco mais da metade das informações que obtive.

Durante todo o trabalho de coleta de informações, usei um critério de confrontação: quase tudo o que me foi dito em São Paulo, por exemplo, e repetido no Sul do Pará, mereceu crédito. As informações que não coincidiam foram simplesmente postas de lado. Porque, além de informar o leitor, a grande preocupação desta reportagem é a de dar subsídios à História do Brasil, num capítulo importante, em que pese suas momentosas implicações políticas.

A guerrilha do Araguaia, até onde posso avaliar, está correndo o risco de se transformar em lenda. E o risco será cada vez maior enquanto o governo insistir em não dar sua versão, em negar a própria existência da guerrilha, e não abrir seus arquivos, mantendo um silêncio que já perdeu o sentido neste início de 1979, quatro anos depois de a guerrilha ter sido derrotada pelas Forças Armadas.

Para a reportagem foram ouvidos militares que participaram das operações e cujos nomes, por motivos óbvios, serão omitidos; dirigentes comunistas, ex-guerrilheiros, embaixadas estrangeiras, pessoas ligadas a combatentes mortos, dos dois lados; a Igreja, através do bispo Alano Maria Pena, que não se importa de aparecer, e que prestou um longo depoimento, assim como outros religiosos que estiveram no Araguaia naqueles anos de luta, e que preferem o anonimato, por enquanto. Mas os humildes caboclos do Araguaia, alguns que sentiram na carne — literalmente — a violência da guerrilha, concederam as mais importantes entrevistas. Ainda ingênuos, apesar de tudo, alguns se deixaram fotografar e deram seus nomes próprios, que achei por bem omitir, de acordo com a direção do *Jornal da Tarde*.

Presídios foram visitados, arquivos e processos consultados, assim como vários livros, jornais, revistas, publicações clandestinas importadas do Exterior. Dias e dias foram perdidos, com todo o ritual das viagens e hotéis, atrás de pistas falsas. E faltou-me uma palavra oficial do governo.



O líder guerrilheiro

Osvaldo Orlando Costa, o mineiro Osvaldão, o principal comandante da guerrilha no Araguaia.

Até hoje, nenhuma autoridade investida em cargo oficial tocou diretamente no assunto. O Araguaia ainda é um tabu. Há um temor generalizado de se pronunciar a palavra guerrilha. As exceções não são muito animadoras. Políticos, como o senador Jarbas Passarinho, e militares, como o general Hugo Abreu, deram algumas opiniões. A

maioria delas é concisa e reticente. O senador reproduziu histórias que lhe contaram e fez observações gerais. E o general limitou-se a corrigir versões, afirmando apenas que a guerrilha já pertence à História e que, se lhe dessem permissão, contaria muita coisa. Mas, numa segunda entrevista, negou o muito pouco que disse.

SÉRIE DE REPORTAGENS

Hoje, sábado, dia 13.

Uma história da guerrilha, montada a partir de dezenas de depoimentos de todos os lados envolvidos.

Segunda-feira, 15.



Depoimento de um oficial das forças do governo, com revelações inéditas (e impressionantes).

Terça-feira, 16.

Depoimento de Genóino (foto), um guerrilheiro que conseguiu escapar. Ele fala das motivações do movimento e de seu dia-a-dia.



Quarta-feira, 17.

avaliando a situação de guerra que predomina, hoje, no Sul do Pará, diante do verdadeiro massacre que é praticado contra o povo e perante as tentativas de aniquilá-lo pela força das armas que defendem os interesses anti-nacionais e anti-populares, nada mais justo que a atitude daqueles marceiros (da região do Araguaia) de resistir à investida do Exército e a todas as tentativas posteriores no sentido de esmagá-los; afirmo que, caso não estivesse preso, teria seguido o mesmo caminho, ao lado daqueles que, de armas na mão, re-

A carta de um guerrilheiro e a estranha reação que provocou na Justiça Militar

Quinta-feira, 18.



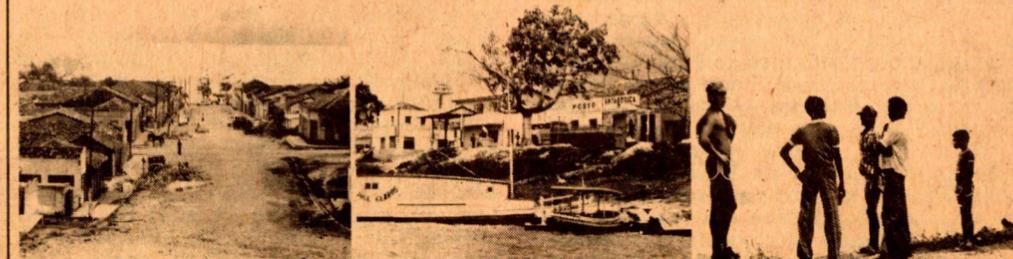
Um líder do PC do B fala sobre a derrota da guerrilha e explica certas posições ideológicas. Ele é Haroldo Lima (foto), do Comitê Central do Partido.

Sexta-feira, 19.



As incríveis táticas usadas pelos guerrilheiros brasileiros, durante os anos de luta, e a estratégia do governo.

Sábado, 20, última da série.



A região do Araguaia, hoje: a reeducação dos que participaram da guerra; o medo e a esperança das cidades que devem esquecer tudo.

"FOI TIRO, SEU SARGENTO. FOI TIRO".

...num dia qualquer de abril de 1974...

Quem poderia dizer que aquele negro de 1 metro e 90 de altura, emagrecido, vestido de trapos, comendo milhos verdes distraidamente, foi, há tempos, um temível peso-pesado dos quadros amadores do Botafogo do Rio? E que, depois, seria o principal comandante de uma guerrilha no Sul do Pará, respeitadas sua coragem e inteligência, com todas as ressalvas ideológicas, por altos oficiais das Forças Armadas brasileiras?

O negro, que mais parece um mendigo, é Osvaldo Orlando Costa, o mineiro **Osvaldão**. O comandante **Osvaldão**. O estrategista. Ele, como a sua guerrilha, está no fim: já não conta com o apoio da população pobre do Araguaia, os companheiros estão quase todos mortos, ele febril de muitas malárias, e com centenas de homens no seu encalço.

Assim, foi muito fácil para um dos filhos da família Piauí, uma das mais antigas de São Domingos, lugarejo ali perto, aproximar-se do comandante guerrilheiro naquele campo de milho. O jovem Piauí conhecia bem **Osvaldão** e melhor ainda o Exército. Um cumprimento em voz alta e o negro responde com um aceno, não dá importância, já perdeu os reflexos. Logo depois é alvejado por tiros de espingarda. E isso jamais poderia acontecer, segundo as crenças locais, pois **Osvaldão** se fizera lenda, e por isso era imortal, protegido de todos os espíritos da mata. Mas ali está ele, morto aos 37 anos, para sempre abandonado pela Mãe d'Água, o Boitatá, o Saci e o Lobisomem. Não há dúvida.

O pequeno Piauí vai receber o dinheiro que os oficiais aquartelados em São Domingos, como em toda a região, lhe prometeram. Toma um susto: as notas (ninguém sabe o quanto) lhe são oferecidas e, quando ele vai apanhá-las, recolhidas. O rapaz é humilhado: "Ajoelhe-se e peça pelo amor de Deus", dizem alguns oficiais. Ele obedece, sabe o que quer. E com muito custo, diante dos olhares significativos dos militares, apanha seu prêmio. O corpo de **Osvaldão** é amarrado ao esqui de um helicóptero e desfilado por São Domingos e outros lugarejos do Araguaia.

— Olha aqui o protegido dos espíritos!, gritam os soldados à população assustada, cansada de tanta morte e sofrimento.

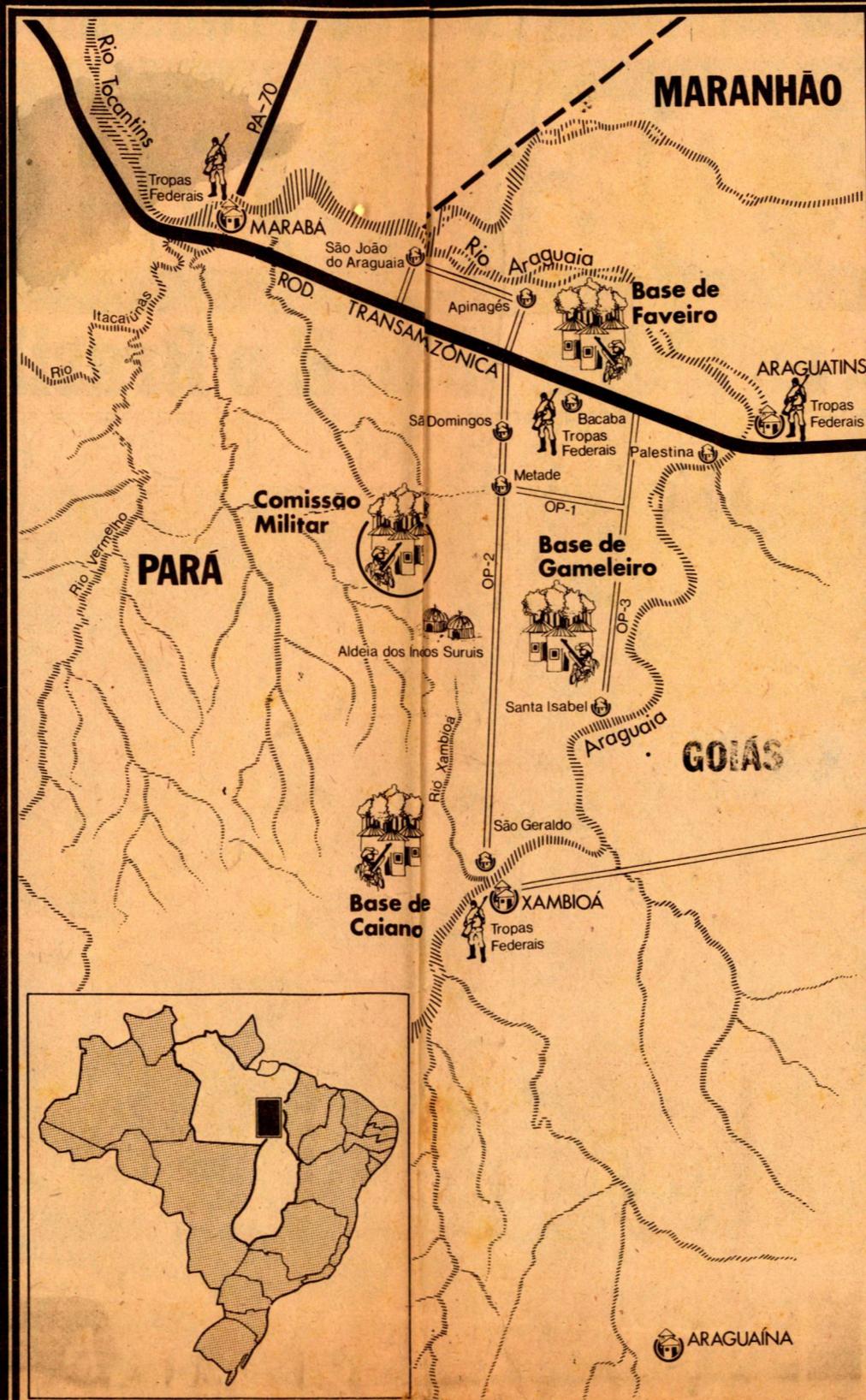
A eliminação do principal comandante guerrilheiro é a certeza de que, apesar de uma dúzia, se tanto, de sobreviventes, que ainda dariam algum trabalho às tropas do governo, a guerrilha do Araguaia acabou. Mas antes disso, a partir de 1972, um capítulo ainda desconhecido da História do Brasil, por força da censura à imprensa, iria preocupar seriamente o governo, desencadear uma repressão jamais vista em território nacional, movimentar cerca de 10 mil soldados, fomentar muitas tragédias.

... e dois anos antes, num dia qualquer de maio de 1972...

O grupo de 15 homens caminha pesadamente neste inferno de cipoais, chão de folhas podres e escorregadias, árvores caídas e árvores sobrepostas, de copas entrelaçadas, declives súbitos que sempre acabam em igarapés de água até a cintura. São 10 horas da manhã e mais parece noite na mata fechada. Raios de sol, como holofotes, furam aqui e ali o teto das árvores. **China**, o mateiro, vai à frente, seguindo uma trilha que só ele mesmo vê. O sargento, logo atrás, ao lado de um jovem soldado, grita de vez em quando:

— Mais devagar, **China**, devagar, ó peste...

O mateiro obedece, espera que o grupo se concentre na sua formação irregular.



ções (SNI) e órgãos paralelos, como o DOI-CODI e outros. Algumas reuniões de chefes militares, onde se sobrepuja o Comando Militar do Planalto, em Brasília, e a ordem foi a de prender todos os subversivos amazônicos. Para a imprensa, é lógico, nenhuma informação.

E assim, no dia 12 de abril de 1972, cerca de 2 mil homens das Brigadas de Infantaria da Selva (BIS) e outras unidades da área, mais pessoal de Brasília e Rio, inclusive pessoal à paisana do Comando Militar do Planalto, tomam de assalto a região do baixo Araguaia, fazendo de Marabá e Xambioá suas cidades-quartéis. Depois, quando se concluiu que os "paulistas" não eram subversivos comuns (estudantes e alguns operários), mas uma força militar organizada do PC do B que conseguira cativar as populações locais, chegaram reforços de todo o país, além de lanchas da Marinha que vasculhavam o Araguaia, e helicópteros e aviões da Força Aérea Brasileira, no apoio. A Transamazônica recebeu cerca de dez postos de patrulhamento e a Belém-Brasília, seis. Foi por essa época, fins de abril, começo de maio, que os recrutas começaram a morrer dentro da mata. As caixas de algemas foram deixadas de lado, nas incursões na selva. E cada vez mais sentia-se a necessidade de soldados profissionais, de preferência com treinamento de guerra antiguerilha.

Agora, o assunto Araguaia já envolve o Estado-Maior das Forças Armadas, a Escola Superior de Guerra e o próprio presidente Médici. Mas o presidente, no seu costumeiro *laissez-faire*, prefere delegar poderes. O general Viana Moog coordena as operações, à meia-distância, e o general Antonio Bandeira muda-se para Xambioá.

Um negrão delicado simpático, uma moça. Era o chefe guerrilheiro.

O Partido Comunista do Brasil fizera seu cronograma das possibilidades de revolta armada no país, a partir de um foco (a teoria do "foquismo"), com o maior capricho. As reuniões do Comitê Central eram realizadas, alternativamente, no Rio e em São Paulo.

O Partido, que rachara com Prestes em 1962, ficou sem grandes simpatias até a Revolução de 1964. Prestes, pacifista por ordem de Moscou, passou a apoiar as reformas de João Goulart, e os novos comunistas tiveram sérias discussões com Francisco Julião e suas Ligas Camponesas. A idéia do renovado e pacífico Partido Comunista Brasileiro, PCB (que mudou de sigla, ficando sua outra metade com a antiga, PC do B), era a de que o reformismo janguista lhe daria o poder de bandeja, e a médio prazo.

Os ex-deputados comunistas da Constituinte de 1946, João Amazonas e Maurício Grabois, *pedebistas*, apostavam que, antes do reformismo, Jango seria derrubado pelos militares. Acertaram. E aí o PC do B ganhou uma grande força entre as alternativas da esquerda nacional. A velha idéia da luta armada, princípio marxista-leninista, puro, imune ao revisionismo de Krushev, começa a tomar forma. Nas suas reuniões no eixo Rio-São Paulo, João Amazonas e Maurício Grabois procuram descobrir o terreno mais propício para plantar a semente. "Olheiros" são enviados a vários confins brasileiros, inclusive Mato Grosso, Goiás, o extremo Sul, o Acre e o território de Rondônia. Mas a região que parecia ideal estava no baixo Araguaia, no limite de três Estados: Pará, Maranhão, Goiás. Uma região considerada

Ninguém fala, não há o que dizer. Um dos últimos soldados do grupo traz uma caixa cheia de algemas.

— Tá muito longe, ô desgraçado? Cadê a casa dos homens, **China**? Você tem certeza que o caminho é esse?

O mateiro já respondeu muitas vezes "calma, pera aí", mas desta última não tem tempo de abrir a boca. O jovem soldado ao lado do sargento desaba desajeitado no chão, o fuzil-metralhadora FAL lançado metros adiante.

— Agora esse vai cair... O sargento está muito nervoso.

É interrompido pelo mateiro, o único que entendera a situação:

— Foi tiro, seu sargento, foi tiro!

O sargento faz cara de bobo, abaixa-se, vira o corpo do soldado imóvel e lá está: mancha escura à altura do peito, sangue no nariz e na boca. O sargento ainda não acredita.

— Foi tiro... **China**...

O mateiro já havia sumido e a notícia corre até o último da fila desorganizada quando alguma coisa impressionante começa a acontecer ali perto, dentro da mata: risos, risos de mulher...

— É Dina! — um soldado grita.

"Dina, Dina", um vai repetindo para o outro, enquanto tentam se proteger, mas... onde? Não há abrigos, só mato e lama, os soldados nem sabem para onde apontar seus fuzis, e o sargento, inseguro, procura o mateiro:

— **China**... **China**... onde é que você está, desgraça? O homem morreu aqui...

"Morreu, morreu", a notícia assusta e aquele riso volta à floresta. Os fuzis começam a ser disparados sem direção, sem alvo, alguns homens jogam-se no chão com as mãos na nuca e o sargento, fora de si, grita:

— Pára todo mundo com isso! Pára!

Mas ninguém lhe dá atenção, a não ser alguém escondido na mata, e logo seu corpo se torce para a frente, um tiro na barriga. Todo o grupo, apavorado, começa a correr para trás, uns atropelando os outros, armas perdidas no chão, a ingênua caixa de algemas jogada na lama.

O governo não desconfiava que seus recrutas iam entrar na selva para morrer

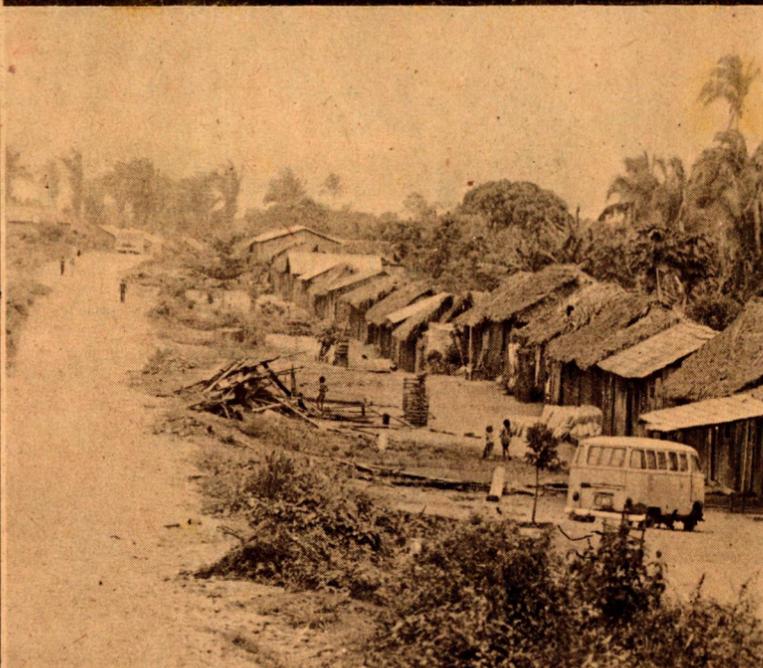
A cena descrita acima foi montada a partir do depoimento de José Bezerra, o **China**, jagunço maranhense que andou "encrencando" na sua terra e foi passar um tempo no Araguaia, feito caçador que vendia peles em Marabá, Sul do Pará. **China** desapareceu naquele mesmo dia de 72, conseguiu a proeza de escapar dos guerrilheiros e das forças do governo que o "recrutaram" para o serviço de guia.

A cena também é um exemplo do primeiro erro das forças do governo nessa guerrilha do Araguaia: jogar recrutas com seis meses de quartel dentro da selva inóspita, habitada por um contingente de 63 guerrilheiros, treinados dentro da própria selva, alguns com seis anos de preparação militar rígida, espartana, e um espírito de decisão surpreendente. Além disso, muito bem orientados por militantes do Partido Comunista do Brasil (PC do B), homens com formação militar no Exterior, teoricamente comparáveis a brilhantes oficiais brasileiros.

Desde 1962, quando ocorreu a grande cisão do comunismo no Brasil, com Luiz Carlos Prestes acatando a diretriz de Moscou, da transição pacífica, e João Amazonas, Maurício Grabois e outros insistindo na teoria marxista-leninista da rebelião armada, a guerrilha do Araguaia já estava esboçada nos planos do PC do B.

A subestimação, a má avaliação, até mesmo a ingenuidade dos militares brasileiros

A região do Araguaia palco de operações dos guerrilheiros. Suas bases estão assinaladas, assim como as das tropas federais.



Xambioá, entrada da cidade.



Marabá, entrada da cidade.

atingiram alguns pontos críticos. O próprio jagunço José Bezerra, o **China**, dá mais exemplos ao explicar como foi levado a ser guia dos "bois de piranha" (os recrutas), como ele mesmo chama:

— A culpa foi minha, diz ele. Quando o Exército entrou em Marabá e Xambioá (norte de Goiás), acho que foi em abril (dia 12 de abril de 1972, uma quarta-feira), procurando terroristas, eu sabia que só podia ser os "paulistas" como seu Paulo (Paulo Rodrigues, comandante do destacamento guerrilheiro de Caiano), que eu conhecia muito de vista, eu caçava por ali... Esse seu Paulo e os amigos e as amigas dele, tudo moça bonita, gente com cara de família boa, a gente via que era de fora... Aí eu caí na besteira de contar que conhecia seu Paulo, até que esse sargento que saiu ferido naquela empreitada... eu sei que ele saiu só ferido, porque de tarde vieram buscar ele e o soldado morto, eu estava escondido dentro d'água, num brejão, só com a cara de fora... e eu fiquei assim dois dias, porque sabia que iam me pegar dos dois lados, ou os **homens da mata** ou o Exército, mas um compadre me ajudou e eu sumi... mas eu caí na besteira de falar demais, e o sargento me disse: "Olha, seu **China**, quem conhece terrorista é terrorista também, e só tem um jeito de você provar que não é terrorista". Aí eu senti a perdição. "E como é que eu provo, seu sargento?" Ele disse: "Me leva até lá que eu vou prender esses caras". Eu fiquei até com dó do homem, coitado, que era gente boa, sargento Gildo, ou Ivanildo, eu não me lembro mais, acabava em **ildo**... porque aquele pessoal do mato, os "paulistas", não era de brincadeira não, eles treinavam muito tiro, caçavam melhor do que eu, essa Dina aí era a que atirava melhor de todos eles, bonita, e foi ela mesmo que quase matou nós todos, aí eu disse: "Sargento, não dá para prender os homens, não". Ele: "Deixa comigo e me leva lá, que esses terroristas só são bons em São Paulo, aqui a gente torce o pescoço deles". E

eu não tinha jeito, né? Fui guiar os homens pra casinha do seu Paulo, o lugar onde ele ficava caçando no mato, mas quando eu vi o soldado cair duro, sabe, eu pensei foi só em mim mesmo e resolvi cair fora daquela guerra, porque se eu não morresse naquele dia, morria no seguinte, aquilo ia durar muito tempo, os soldados não entendiam nadinha de mato...

Os guerrilheiros davam remédios ao povo. E não era "amostra grátis".

As Forças do Governo empreenderam 3 campanhas de cerco e aniquilamento contra os guerrilheiros do PC do B. Toda essa movimentação militar durou 2 anos e 9 meses, de abril de 1972 a janeiro de 1975. Ao todo, o governo empregou cerca de 10.000 homens (não apenas numa campanha, mas durante todo o período); gastou o que só o governo pode avaliar, quando resolver abrir seus arquivos; conseguiu manter o país ignorante dos acontecimentos (com exceção de uma grande reportagem de **O Estado de S. Paulo**, hoje histórica, que furou o cerco em setembro de 1972, durante a segunda campanha); conseguiu, por outro lado, confundir alguns círculos importantes no exterior, mais precisamente nos centros da decisão política e econômica, onde as notícias que corriam falavam de uma guerra civil na Amazônia, e as pessoas não aceitavam facilmente as explicações de que se tratava apenas de um foco de 63 guerrilheiros. Mas o segredo, imposto pelo governo, chegou a ser tão bem guardado, que nem a imprensa internacional conseguiu acesso a informações mais precisas sobre essa guerrilha do Araguaia.

A primeira campanha vai de 12 de abril de 1972 a fins de julho do mesmo ano; a segunda campanha, em setembro e outubro de 1972; e a terceira campanha, a última,

quando a guerrilha foi finalmente aniquilada e não apenas cercada, de outubro de 1973 a janeiro de 1975. O termo **campanha** significa **grosso de tropas** porque, desde que o Exército entrou na área, naquele 12 de abril, nunca mais saiu de lá. Entre uma campanha e outra foram mantidos soldados profissionais e o "pessoal especializado", pessoal de informações, treinado para interrogatório e acusado, até por alguns oficiais, de jogar a população contra o próprio Exército, prolongando a luta, por causa da sua brutalidade exagerada. Hoje, marcando presença na região, há um quartel que abriga a 23ª Brigada de Infantaria da Selva (23ª BIS) e o 52º Batalhão de Infantaria da Selva, no km 8 da Transamazônica.

Primeira Campanha: o Exército é alertado pelas polícias militares de Marabá e Xambioá de que há estranhos subversivos na região. As PMs daqueles ermos, que poderiam usar o lema "sempre em defesa do mais forte", eram constantemente informadas por grileiros e fazendeiros, acostumados a resolver a bala e sem revide os seus problemas com os posseiros, de que havia uma certa resistência, comandada por "gente de São Paulo". As informações iam além: os "paulistas" ensinavam o povo dos lugarejos a ler e haveria até médicos no meio deles, porque distribuíam muito remédio "que não era amostra grátis".

Um grupo de "pessoal especializado" é enviado à região e, junto às PMs das duas cidades, começa a investigar. Depois de alguns meses, concluem os "especializados": tratam-se de estudantes subversivos do Sul em fase de "refrescamento", ou seja: saindo de circulação nas grandes cidades, onde seus nomes eram conhecidos do DOPS, e se fixando na região até a coisa acalmar.

Foi um erro de avaliação. Sabe-se, de fontes militares, que, nessa fase de investigações, o próprio governo federal não deu muita atenção ao caso, que ficou basicamente a cargo do Serviço Nacional de Informa-

mal dita, virgem de progresso e atenções dos governos estaduais e o federal.

(O senador arenista paraense — e coronel da reserva — Jarbas Passarinho, homem que entende mais de comunismo, de Marx-Engels-Lenin, do que muitos líderes comunistas locais, além de ser versado, naturalmente, em assuntos militares, sustenta uma tese, em recente entrevista ao semanário **Movimento**, de que a guerrilha do Araguaia teve orientação de militares dissidentes, pós 64. Ele acredita que a área foi também escolhida por estar afeta a uma superposição de comandos: o Comando Militar da Amazônia, a 10ª Região Militar, em Fortaleza, e a Região Militar do Planalto, em Brasília. Isso, além das condições locais de penúria absoluta, desprezo por parte de todos os níveis de autoridade. Aliás, outros militares dizem hoje que os erros táticos do combate à guerrilha não podem encobrir o erro maior, de causa, que é esse abandono da região. A tese do senador Passarinho é interessante, mas o Comitê Central do PC do B não pode admiti-la, segundo um representante. O que ele quer dizer: todo **pecedebista** de cargo de chefia é um militar culto nas artes da guerra e da política, e o PC do B dispensaria as estratégias de militares dissidentes; nem sequer, garante, recebeu assessoramento.)

Ah, que saudades dos tempos de Costa e Silva, quando a gente tinha saudades dos tempos de Castelo Branco — esta era uma frase-piada, de muito sucesso nas redações de jornais, nos tempos de Emílio Médici.

E foi nos saudosos e liberais tempos de Castelo Branco, em 1966, que o primeiro líder guerrilheiro, Osvaldo Orlando Costa, o **Oswaldão**, viajou de ônibus pela Belém-Brasília e se instalou na região. Era um ano relativamente tranquilo, de democracia, em que o casamento de Pelé foi o grande comentário, ao lado da perda da Copa do Mundo, a façanha de Mao Tsé-tung nadando oito milhas no rio Yangtsé, as primeiras imagens da Lua, a guerra do Vietnã aumentando. Um ano tranquilo apesar do atentado que o candidato Costa e Silva (que tomou posse em outubro) sofreu no aeroporto dos Guararapes, no Recife, além da cassação de cinco deputados, e ameaças de rígidas leis de Imprensa e de Segurança Nacional. A Arena até ganhou as eleições.

E, no Araguaia, **Oswaldão** se mexia. Uma figura: 1 metro e 90 ou mais, que gostava de vestir uma velha camisa do Botafogo, lembrando seus tempos de peso-pesado amador, segundo-tenente da reserva do CPOR, também do Rio, um negro tão musculoso como simpático, técnico de máquinas e motores, dizendo-se estudante em Minas Gerais, mas que gostaria mesmo era de cuidar de uma terrinha. E, como posseiro, instalou-se num castanhal conhecido como Gameleiro. Além do serviço da roça, plantar arroz, fazer farinha, criar galinhas, **Oswaldão** revendia tecidos em Marabá e Xambioá, conquistando simpatia unânime. Respeitador, nunca foi visto bebendo cachaça, nem na zona, nem olhando cobiçoso para mulher nenhuma do lugar. O negro poderia ser tudo isso de positivo, verdadeiramente, mas o **bom mocismo** fazia parte da técnica de aliciamento dos guerrilheiros do PC do B.

E aos poucos — e aí já vamos entrando nos anos seguintes — o Araguaia recebeu parentes e amigos de **Oswaldão**, como um velhinho, na realidade o ex-deputado João Amazonas, mais de 60 anos, que conseguiu fugir da guerrilha e hoje vive no Leste da Europa; uma senhora, também sexagenária, Elza Monnerat, velha militante comunista; e Ângelo Arroyo, operário metalúrgico de São Paulo, 41 anos, também militante conhecido.

